

# **O Quinze: Diálogos com Tim Ingold**

**Raphael Gouvêa Rompinelli**

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

**raphaelrompinelli@yahoo.com.br**

## **Resumo**

O objetivo geral deste artigo é fazer uma leitura do romance de Raquel de Queiroz intitulado O Quinze a partir da perspectiva antropológica do movimento. Trato aqui de duas maneiras possíveis de entender o movimento a partir da visão de Tim Ingold. Que seja dito; a itinação que compreendo como sendo o caminho trilhado pela família de retirantes, representado por Chico Bento, Dona Cordulina e os filhos e por outro lado, uma distinta forma de movimento, denominado de transporte, representado por Conceição e Dona Inácia. Associado a ideia de movimento retrato aqui a ideia de malha (meshwork), bem como a de ambiente, clima e as interações possíveis dos personagens. Para isso, farei uma leitura de caráter bibliográfico visando contemplar tanto a perspectiva antropológica quanto a visão literária. Conforme a leitura que proponho, pode-se perceber que entre a literatura e antropologia existe uma ponte de diálogos possíveis tanto em relação às formas de análise quanto em relação aos fatos etnográficos que são possíveis de serem trabalhados enquanto escrita literária. Por fim, é possível perceber que se o “fazer antropológico” pressupõe uma forma específica de escrever, o fazer literário pressupõe uma forma antropológica de pensar.

**Palavras-chave:** movimento; peregrinação; transporte; O Quinze; Tim Ingold.

### Considerações iniciais

Que braseiro, que fornalha  
Nem um pé de plantação  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão  
(Asa branca – Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira).

Imortalizado no quadro de Candido Portinari em que a tristeza da seca se defronta com dureza do homem nordestino e a capacidade de sobrevivência que só é alimentada pela imensa esperança da mudança de vida. Se, na voz de Euclides da Cunha: o nordestino é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.<sup>1</sup>, depois de tudo, certamente, este faz parte da inegável história brasileira e da construção do imaginário popular. Não digo aqui, qualquer habitante do nordeste, mas sim *Os Retirantes*.

Elaborada em 1944, pelas mãos de um brasileiro filho de imigrantes italianos, que para cá vieram com o intuito de trabalhar nas lavouras de café do interior do estado de São Paulo, a pálida pintura representa de modo mais que real a miséria de pessoas que buscavam em centros urbanos uma melhora nas condições de vida, ou melhor, de sobrevivência. Repleta de tons que variam entre o terroso e o cinza, intercalados pela predominância do preto e do branco, que buscam aproximar o observador da crueza das condições vivenciadas daqueles que saíam em uma marcha infundável, no intuito de fugir da seca nordestina, para o sudeste ou norte do país.

A tela nos apresenta um retrato da miséria de uma família de retirantes que, entre tantas outras, que compuseram e ainda compõem um quadro mais amplo da história do Brasil: o quadro da desigualdade social e neste um dos seus principais compostos, a pobreza extrema.

Dentre vários períodos existentes, destaco um que se imortalizou no romance de Raquel de Queiroz: *O Quinze*. Escrito em 1930, quando a autora possuía ainda seus 20 anos. Tal romance trata da história de personagens na luta contra o sertão assolado pela seca. Ambientados em solo cearense entre o município de Quixadá e o “termino”, que se dá em Fortaleza. Somos apresentados aos protagonistas e a algumas famílias, já que a proposta da autora era narrar à saga das mesmas em busca de uma sobrevivência. Dado o fato da proximidade destes núcleos familiares, podendo ser relativo a laços de parentescos

---

<sup>1</sup> Trecho retirado da segunda parte do livro *Os sertões* de Euclides da Cunha, intitulada de *O Homem*.

propriamente ditos ou a relações de afinidade a narrativa foca nas relações interpessoais que são mediadas por um plano de fundo que é a seca.

Nessa perspectiva, somos apresentados à família de Chico Bento que vivia com sua esposa Cordulina, seus três filhos e a mocinha na fazenda de Dona Maróca, no município de Quixadá. No entanto, devido à falta de chuva que assola toda a região onde viviam, ele e sua família são obrigados a migrar para a capital do Ceará, Fortaleza. Essa marcha que perdura por dias, é feita inteiramente a pé, o inimaginável é o possível e a realidade é representada pelas figuras desmorfadas do quadro de Candido Portinari.

O outro núcleo narrativo é composto por Conceição, jovem professora da Capital, que está passando férias na casa da sua avó Dona Inácia (mãe Inácia). Representantes de uma família de classe média, mas que assim como a família de Chico Bento é obrigada a deixar sua casa no Quixadá por conta da seca. Por fim, mas não menos importante, existe outro núcleo, ligado a este que é composto pela família de Vicente, neste, sem dúvida, temos uma família abastada, onde a grande parte dela já mora no Quixadá, o irmão mais velho mora na capital. Vicente, primo de Conceição, mora na fazenda e, apesar da seca, decide permanecer e tentar salvar seu gado à custa do que for.

O desenrolar da obra gira em torno destes dois núcleos. Este romance tem inúmeros detalhes que poderiam ser ressaltados, mas o meu foco é o movimento. Outras frentes de análise poderiam se dar de acordo com o recorte metodológico, mas aqui pretendo me focar nesta perspectiva da mobilidade. Este livro de Raquel de Queiroz em específico é abundante no que toca este tema, afinal o foco central é a partida de Quixadá e a chegada a Fortaleza, isso para os dois núcleos, mas cada um ao seu modo.

### **O caminho a se seguir**

E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida) (Morte e vida Severina – João Cabral de Melo Neto).

No primeiro plano se destaca o amor improvável, mas estimulado entre Conceição e Vicente. A diferença entre ambos é algo gritante e desde o início isto fica claro, isto tanto em

nível social, devido às posições ocupadas por ambos – ela é uma jovem professora e ele um vaqueiro – quanto intelectual dado principalmente pelo gosto pela leitura que é demonstrado por Conceição que é uma jovem educada e inteligente dedicada a ler obras a respeito da emancipação feminina na sociedade e a luta inconstante pelos seus direitos e igualdade de gêneros.

No outro plano se destaca a família de Chico Bento que, forçada pela seca impiedosa e devastadora, é obrigada a migrar para a capital Fortaleza em busca de sobrevivência e, acima de tudo, de condições minimamente dignas para sobreviverem. Ele, os filhos e a esposa Cordulina trabalhavam e viviam como moradores da velha Dona Maroca que mandou soltar o gado por conta do longo período de estiagem e pela impossibilidade de manter os animais vivos.

Sem emprego e pela impossibilidade de se manter em sua morada, Chico Bento decide migrar para a capital, no entanto, não consegue comprar as passagens de trem e é obrigado pelas circunstâncias, juntamente com a família, a migrar a pé de Quixadá à Fortaleza. No percurso como já era esperado pelos personagens, enfrentam muitas dificuldades: o sol, a fome, a morte, a humilhação, a perda, o abandono dentre outras. Todavia proponho aqui outra maneira de enxergar tal fato, não pelo viés do negativo, mas pelo viés do positivo de tal migração.

Obviamente, a primeira pergunta que vem a mente é: existe algo de positivo neste contexto? Arrisco dizer que sim, algo que está completamente implícito na obra literária. Esta positividade, a meu ver, está diretamente ligada à construção dentro dos personagens de uma identidade que é transformada e remontada pelo movimento de peregrinação que Chico Bento e sua família realizam.

Conforme define Tim Ingold (2015), “a tarefa do peregrino não é encenar um roteiro recebido de antecessores, mas literalmente, negociar um caminho através do mundo” desta forma a movimentação obrigatória destas pessoas é representativa de um processo de construção identitário próprio, a transformação pessoal que é dada no/e pelo caminho é um fator impossível de se desconsiderar, já que o pano de fundo da narrativa é o movimento. Esta perspectiva teórica, da construção de um *self* pelo caminho será um ponto que pretendo desenvolver no artigo.

Para o autor, no curso da evolução humana, aconteceram três desenvolvimentos que nos tornaram criaturas de uma espécie dita distinta, mesmo dos primatas superiores. Dentre essas fazes, nota: o aumento do cérebro, em comparação com os demais mamíferos, o cérebro humano é proporcionalmente um dos maiores, o segundo é o desenvolvimento da mão, em

especial o posicionamento do polegar, que oposto aos demais dedos, permite realizar operações manuais realmente complexas. Por fim, as mudanças anatômicas – reequilíbrio da cabeça sobre o pescoço, modelo da coluna, ampliação da pelve – habilidades estas que nos permitiu andar eretos andando sobre os dois pés.

A história humana neste sentido possui um início bem incomum, através de desenvolvimentos anatômicos. Das mãos por um lado, que juntamente com outros aparatos técnicos se desenvolveu em paralelo com as ferramentas produzidas e dos pés por outro, que possibilitou o andar ereto e o bipedismo, folgando os braços e as mãos, que em suas carreiras tomavam outras funções.

Obviamente, quando pensamos no aspecto do desenvolvimento humano, pensamos não nos pés sobre o solo, mas sim as mãos construindo ferramentas cada vez mais singulares e mais complexas. Se um foi relegado ao simples movimento, sustento de um corpo, o outro consistiu no hábil movimento da técnica.

O pé, do dito homem moderno, aqui compreendido como o *Homo Sapiens*, é resultante de uma perda, a perda de um movimento preênsil, como o dos primatas superiores, tornando-se aos poucos apenas um pedestal, já as mãos são resultantes de um ganho. Com a liberdade dessas pelo andar ereto, o desenvolvimento contínuo do cérebro, as ferramentas foram criadas. Cada aumento incremental levaria a um avanço ainda maior da técnica.

Divididos pela linha da cintura, as pernas são relegadas aos movimentos mecânicos e cravadas na terra, sobre a cintura, temos as mãos, responsáveis pela destreza das ferramentas e pela realização de atos e práticas que virtualizadas pelos cérebros são realizadas pelas mãos. Enquanto os pés, impelidos pelas necessidades biomecânicas deslocam o corpo em um mundo natural, as mãos estão livres para desenvolver empreendimentos inteligentes. Se para os primeiros a natureza é o meio através do qual o corpo se move, para as segundas, o ambiente representa um mundo a ser transformado.

Notamos que nessa perspectiva os pés são relegados a uma função secundária, uma vez perdido a função preênsil, eles são relegados à locomoção. Paradoxalmente, a marcha adiante da civilização, o pé tem sido retirado da esfera de atuação e tomado um aparato mecânico. Continuando o paradoxo, estes pés que outrora libertaram nossas mãos, nossos cérebros, nos libertaram das árvores, agora se encontram presos. Os avanços técnicos em calçados, botas e sapatos, produtos cada vez mais versáteis aprisionam os pés, constringindo a liberdade.

Tim Ingold (2015) acredita que a mecanização da atividade dos pés foi parte integrante de um conjunto mais amplo de mudanças que acompanharam o início da modernidade, principalmente no que diz respeito ao movimento – a atividade de movimentar, gradativamente foi se diferenciando da atividade de caminhar – na Inglaterra e na Europa, a partir do século XVIII, caminhar que era uma atividade cotidiana que levava a vários lugares, mas raramente a qualquer grande distância, com o advento das formas de transporte e das estradas, andar se torna uma atividade a ser esquecida.

Viajar neste sentido, para as elites, toma uma conotação locomover-se sobre a superfície do país, paravam de pontos em pontos, descendo de seus meios de transporte por aqui e por ali. Quando o transporte público se torna acessível para o trabalhador comum, caminhar não se torna mais uma questão de necessidade, mas sim de escolha. Ainda seguindo esta interpretação, na lógica Ingoldiana, não foi obra do acaso o desenvolvimento em paralelo dos calçados e apresentação da poltrona. Na maioria das sociedades não ocidentais, a posição de repouso a ser adotado no período de vigília, é agachada.

O viajante, que sentado em um trem, passa o caminho sem se inteirar dele, entra em uma estação e desce em outras, vez ou outra, desce e reconhece o lugar, de um ponto ao outro, essa viagem permite uma forma diferente de conhecimento que o caminhar. As práticas de viagem orientada para um destino encorajam a crença de que o conhecimento é integrado, não pelo caminho percorrido ou a trilha feita, mas sim a partir de pontos sucessivos de repouso.

A partir desta breve introdução a uma leitura dos mecanismos que corroboraram com a “evolução do Homem”, não focando em seus grandes feitos históricos, grandes construções e nas intrincadas técnicas para se construir o que o porvir permitiria, mas sim pela simetria entre pés e mãos, gostaria de focar mais nos primeiros do que nos segundos. Pretendo aqui, fazer menos uma análise antropológica do romance em questão do que uma interpretação do mesmo. Uma interpretação focada nos pés, no movimento e nas linhas que estes deixam no ambiente, em comparação com a noção de transportar.

Acredito que escrever seja como pintar uma tela, as letras se unem umas a outras, formado palavras, altamente significantes que outra vez unidas formam frases, essas, somadas aos pensamentos formam textos. Nos quadros, as cores se unem ao pincel que somado aos movimentos do artista originam as telas. Com a perspectiva de uma literatura transgressora, que busca o marginal, como também uma literatura atemporal, podemos fazer releituras do que apreendemos teoricamente, em outras disciplinas em outras áreas do conhecimento, como também podemos lançar outros olhares, mais livres, sobre as escrituras literárias.

Em minha interpretação, enxergo a literatura e a análise antropológica como muito próximas, na medida em que as duas trabalham com a premissa da cultura e do imaginário humano. Se o escritor literário cria um universo ficcional (no caso do Quinze nem tão ficcional assim) o antropólogo mobiliza dados e conceitos de um universo hipotético, na tentativa de compreender os estímulos recebidos em campo e tenta a partir disso construir uma lógica argumentativa através da representatividade do escrito antropológico.

Os saberes construídos não são, ou não se apresentam como uma exclusividade das ciências, eles atravessam também os constructos literários, religiosos, os saberes populares, as artes do *savoir-faire* permeiam as atividades humanas, nas diversas maneiras e construções possíveis em suas ficções narrativas. As ficções narrativas seriam, em certa medida, impulsionadas pela experiência, um contar e narrar que passa de pessoa para pessoa visando um *continuum* e a formação de sujeitos, no caso de Raquel de Queiroz especificamente, a figura do retirante fazia parte de seu imaginário, em sua infância no Ceará.

Especificamente O Quinze, segundo Bosi (1994) se aloca entre aquelas obras que são classificadas no denominado segundo momento do modernismo, este se dá devido aos acontecimentos históricos vigentes, tenentismo liberal, a política getulista a presença real das oligarquias reais. Tendo como um de seus objetivos demonstrarem a realidade vivencial e que vai de encontro às intenções e aos desejos de um ideal de sociedade.

O que defendo aqui, é que não vejo a literatura como uma entidade isolada do meio social, mas como um representante da cultura como um todo, um fenômeno de representatividade, ou ainda, conforme afirma Cunha (2011; p, 13) “concebendo textualidades literárias não como sistemas fechados em si mesmos, mas na sua relação interativa com outros textos, literários ou não, verbais ou não, mas todos originados de um só lugar: o da cultura”.

Talvez o trabalho aqui presente se construa mais como um esforço crítico por meio de outro olhar, outra leitura desse romance, no sentido de apontar uma vertente ainda não explorada, fixada em um estudo literário que tem como pano de fundo as relações entre literatura e história, ou neste sentido, a literatura como história.

Assim sendo, pretendo analisar o romance O Quinze inicialmente pelo movimento, uma interpretação a partir de conceitos antropológicos, ou seja, o movimento realizado pelos personagens, que no plano real foi feito por pessoas de carne e osso, afinal no ano de 1915 foi um período de grande seca no nordeste brasileiro, mas uso o movimento dos personagens como um *leitmotif* para minha análise, por isso prefiro focar não nas causas ou fins, mas sim no ato do movimento si, como uma realidade existencial em si.

### O movimento e O Quinze: análise e percepção

Cada um guarda mais o seu segredo  
A sua mão fechada, a sua boca aberta  
O seu peito deserto, sua mão parada  
Lacrada e selada  
e molhada de medo (Na Hora do almoço – Belchior)

Gostaria de iniciar essa corrente interpretativa do movimento a partir do título do livro. O Quinze, nome relativamente curto, mas muito representativo. Esse quinze assumido aqui como um substantivo próprio tem uma característica muito específica, precedido de um artigo definido, visa, além de ressaltar uma marcação temporal específica, o ano de 1915, sobretudo demonstrar uma “pessoalidade”, uma proximidade do sertanejo, em especial o retirante, para com o ciclo da seca, quase como que os períodos de estiagem prolongada fossem parte constituinte da identidade do nordestino. Afinal, chamar alguém por um nome próprio ou por um apelido, é sinal de proximidade.

O nome O Quinze, se torna, assim, uma peça fundamental que entrelaça pessoas e o ambiente, que toma uma relação como a própria definição do que foi essa marcação temporal. Tim Ingold (2015) argumentando sobre nossa relação com as ferramentas e técnicas que desenvolvemos em conjunto com nossa consciência enquanto seres em um ambiente, afirma que descrever uma coisa como uma ferramenta é colocá-la em relação com outras coisas dentro de um campo de atividade no qual pode exercer determinado efeito. Assim, tendemos nomear nossos instrumentos de acordo com as atividades ou pelos efeitos que têm nelas. Desta forma, nomear é invocar a *estória*, no caso específico do Quinze, denominar um ano no meio de um século é invocar uma *história*.

Uma história que não atinge somente a família de Chico Bento, mas muitos como ele, que na mesma situação são obrigados a caminhar, encarar a vida a partir do caminho e do porvir, nomear o Quinze e trazê-lo para perto, para as relações cotidianas, torna-lo como uma entidade que ficou marcada não só no tempo e no espaço, mas também na carne, na vida e

principalmente na morte. A função deste nome é carregar uma história, ou os significados de várias histórias, reconhecidas a partir de alinhamento das circunstâncias passadas pelos retirantes e que se espelham com acontecimentos que poderiam vir a acontecer no período pós-retiro.

Podemos compreender a alusão à chuva, intercalados nos pedidos constantes de Dona Cordulina e outros personagens como sendo um pedido por trabalho. Situação que se liga diretamente a condição de Chico Bento e sua família, que é obrigada a se retirar justamente pela falta de trabalho provocado pela seca.

A falta de chuva e por consequência de trabalho foi o motivo central que levou a patroa de Chico mandar que o mesmo soltasse o gado e que “tomasse o seu rumo”, ou seja, sair da fazenda e procurar outro modo de sobreviver. Se pensarmos na situação oposta, a chuva em seu tempo, o enredo do livro e por consequência desta leitura não teria o mesmo sentido, já que a vinda da chuva provocaria o ressurgimento das pastagens e comida para o gado, dessa forma as famílias poderiam seguir suas vidas sem necessariamente terem que migrar.

Após a notícia impactante e a renúncia da chuva em vir, a única possibilidade seria Chico e família ir embora, mas como e para onde? As questões que são postas são sufocantes, a incerteza provoca o choro de Cordulina e a surpresa de Vicente. Ouve-se que “o governo está dando passagens para os retirantes”, uma fagulha de esperança em meio ao mar de desespero.

Então, como dito, a primeira ação de Chico Bento é tentar conseguir algumas passagens para ir do Quixadá até Fortaleza de trem, o que na perspectiva em que irei analisar a obra, mudaria completamente a trama. Mas não conseguindo as esperadas passagens a família é obrigada a se retirar a pé, se juntando a outra massa de retirantes que percorrem o mesmo caminho.

Todos os preparativos feitos a família de Chico Bento toma seu caminho, andando rumo à fortaleza. O progresso será lento e duradouro, o caminho incerto e inseguro, a única saída possível visto que por outro meio não se conseguiu.

O ato é retirar-se, buscar algo que não se sabe o que é e não se sabe ao certo onde está. O ficar é impossível, as condições são demasiadas difíceis. O que resta é seguir o caminho em busca de uma esperança de uma vida melhor, não existe a certeza que isso acontecerá, mas a esperança é o que alimenta a possibilidade, “o processo é, antes, como o de seguir trilhas através de uma paisagem: cada história o levará a um ponto, até que você se depare com outra que o conduzirá mais a diante. Este trilhar é o que chamo peregrinar”. (INGOLD; 2015, p.238)

Interpreto assim, o movimento destes personagens enquanto um ato de peregrinar. Tim Ingold ao trabalhar com os Inuit, povo habitante do extremo norte da América, enxerga nessa abordagem, uma proposta de ação que busca marcar a ideia de movimento com a ideia de conhecimento. Para o autor, nossa vida é uma sequência de linhas que se entrelaçam com a de nossos circunvizinhos, humanos ou não-humanos, desta forma ele define:

O peregrino está continuamente em movimento. Mais estritamente, ele é o seu movimento. Assim como acontece com o Inuit, o peregrino é exemplificado no mundo como uma linha de viagem. É uma linha que avança da ponta conforme ele prossegue, em um processo contínuo de crescimento e desenvolvimento, ou de autorrenovação. Embora de vez em quando ele tenha que fazer uma pausa para descansar, e pode mesmo voltar repetidamente ao mesmo lugar para fazê-lo, cada pausa é um momento de tensão que – como segurar a respiração – se torna cada vez mais intenso e menos sustentável quanto mais tempo dura. Na verdade, o peregrino não tem destino final, pois onde quer que esteja, e enquanto a sua vida perdure há algum outro lugar aonde pode ir. (INGOLD, 2015, p. 221).

Para os Inuit, tão logo uma pessoa se move, essa se torna uma linha, as pessoas são conectadas, conhecidas e reconhecidas pelas trilhas de que deixam para trás. O próprio sol, que marcado como um ser vivente, afinal seu movimento aparente é notável, é enxergado como um caminho que o seu movimento diário faz e que deixa rastros através do céu.

O que pretendo aqui defender é que: o movimento de Chico Bento e família é um movimento necessário para o próprio desenvolvimento pessoal, enquanto sujeitos atuantes no mundo. O itinerar, na perspectiva Ingoldiana, está relacionado ao fato de que as pessoas conhecem conforme prosseguem, conforme atravessam o mundo ao longo de trajetos de viagem. Longe de ser acessório à coleta ponto a ponto de dados a serem passados para depois de processados transformarem-se em conhecimento, o movimento é ele mesmo a maneira do habitante conhecer (INGOLD, 2008).

Na sequência ocorrem uma série de desventuras que vão a cada plano transformando os personagens: a fome, o calor, o ambiente sufocante, a “mocinha” fica em uma estação de trem pelo caminho para trabalhar com desconhecidos e seguir seu próprio rumo, o sumiço de “limpa trilho”, o cachorro que os acompanha, a partida de um dos filhos com um grupo de trabalhadores, a morte do segundo por ter comido “mandioca brava” em um momento de desespero em que a fome o domina. Mesmo assim o fim último, idealizado por Chico Bento e família, o de chegar a Fortaleza não é abandonado. A esperança de uma vida melhor é o

motivo hercúleo que causa a fé nesta peregrinação. Se a seca foi o que lhes atirou no caminho é a (in)conclusão da peregrinação que lhe mantem em seu objetivo.

Situação simetricamente inversa é a que o outro núcleo enfrenta: uma viagem propriamente dita, um transporte na perspectiva de Tim Ingold. Um embarque em um trem que sai de Quixadá e vai direto a Fortaleza, um início e um fim: “Por transporte, quero dizer o deslocamento ou transporte de uma identidade autônoma e constituída de um local a outro, um pouco como o movimento de damas no xadrez, de um peão pelo tabuleiro” (INGOLD, 2015, p.239).

Esse núcleo, após sua partida, só volta a aparecer em Fortaleza, realizando um transporte linear. A situação por eles enfrentada é completamente diferente da tratada anteriormente. Não que seja mais fácil, mas em uma situação como essa, “uma identidade pré-construída é deslocada lateralmente através de uma superfície, de um local ao outro”, conforme escreve Ingold (2015, p. 239).

Assim, sendo compreendo que a situação vivenciada por estes outros personagens é essencialmente orientado para um destino. Não é tanto um desenvolvimento ao longo de um modo de vida quanto um carregamento através, de um local a outro, de pessoas e bens, de tal maneira a deixar suas naturezas básicas incólumes. Pois no transporte o viajante mesmo não se move. Ao contrario, ele é movido, tornando-se um passageiro em seu próprio corpo, se não em algum navio que pode estender ou substituir os poderes de propulsão do corpo (INGOLD; 2015, p. 221-222). No caso específico não um navio, mas um trem.

Em uma perspectiva comparada, conclui-se de forma a dar uma melhor compreensão sobre estes dois termos. Enquanto o peregrino assina sua presença na terra como a crescente soma de suas trilhas, o passageiro carrega a sua assinatura consigo, enquanto é transportado de um lugar ao outro. Onde quer que ele possa estar ele deve ser capaz de replicar este gesto em miniatura altamente condensado como uma marca de sua única e imutável identidade.

O mundo, nessa perspectiva, não é algo dado, coisa fria e inerte ou uma natureza que preexiste sem a interferência humana e não-humana, mas sim é algo construído, elaborado e reelaborado no caminho, na vivencia dos atores e em sua atuação que ao fim se encontram com outros seres e que compartilham deste mesmo viver e podem ser melhor expressados em:

O mundo não é pré-montado para ser ocupado pela vida [...] caminhos da vida não são predeterminados como rotas a serem seguidas, mas têm que ser continuamente elaborados sob nova forma. E esses caminhos, longe de serem

inscritos sobre a superfície de um mundo inanimado, são os próprios fios a partir dos quais o mundo vivo é tecido (INGOLD, 2000, p. 242).

A ideia central que podemos retirar dessa perspectiva, a partir do movimento representado por Chico Bento e família é que eles se movem em um espaço fluido, nunca terminado e no qual as suas atuações enquanto seres vivos e como também suas relações com outros seres devem ser compreendidas como uma totalidade, ou seja, os caminhos trilhados, as rotas feitas, as modificações pessoais e as interações interpessoais são responsáveis tanto pelas mudanças de caráter pessoal como em relação ao ambiente exterior composto pela presença corporificada em um meio ambiente específico.

Um fator que gostaria de chamar atenção, com brevidade, porque o mesmo daria outro artigo, é a solidariedade, o auxílio e as relações de compadrio são marcadas tanto no livro quanto no filme. Esses são apenas alguns trechos que escolhi por serem centrados nos núcleos principais, mas não são os únicos, uma série de outros se apresentam durante a sequência inteira.

Em determinado momento de sua peregrinação, os retirantes encontram com outras pessoas que estão na mesma situação, dominados pela fome e desespero, então Chico Bento, em um momento de sublimação existencial, compartilha com os outros retirantes o pouco que tem correndo o risco de deixar sua própria família sem o que comer. O diálogo de Chico Bento com os outros retirantes que estão tentando obter alguma parte comestível de uma vaca morta na estrada:

– De que morreu essa novilha, se não é da minha conta?

Um dos homens levantou-se, com a faca escorrendo sangue, as mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo:

– De mal-dos-chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus. Chico bento cuspiu longe, enojado:

– E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar...

Outro explicou calmamente:

– Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca...

Chico Bento alargou os braços, num grande gesto de fraternidade:

– Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão! (QUEIROZ, 1977; p. 28-29).

Para Tim Ingold (2015) qualquer organismo vivo, pode ser compreendido a partir de suas relações, as coisas são suas relações. Na ontologia anímica, os seres não ocupam o mundo, eles o habitam e ao fazê-lo contribuem para a transformação do próprio ambiente. Essa perspectiva anímica pode não ser responsável pela explicação do movimento em si, mas fornece

o fomento necessário para compreendermos os organismos e o ambiente que estão, neste movimento, envoltos.

Para um organismo no mundo não existe uma fronteira nítida entre o interior e o exterior, a fome que a família de retirantes experimenta em suas entranhas é a própria representação da secura que o semiárido faz transparecer, cada organismo, se apresenta ao longo de seu trajeto como uma trilha que foi percorrida e cada uma dessas trilhas revela uma relação. Cada uma dessas trilhas é simplesmente um fio em um tecido de trilhas que unidas compreendam a textura do mundo da vida.

Como Chico Bento e família, as circunstâncias impostas pelo andar os colocaram no mundo, relações como à citada acima, de comensalidade, surgiram em seu caminho. Trilhas diferentes se uniram em um momento relacional e assim formaram uma nova malha, essa composta de linhas ou trilhas entrelaçadas, ou seja, organismos em constante crescimento em um campo relacional. Assim, o termo Ingoldiano de malha (*meshwork*) se costura no nordeste brasileiro. As vidas dos organismos se estendem ao longo não de uma, mas de várias trilhas saídas das mais diversas fontes, mas podendo se relacionar em determinadas circunstâncias.

Se o caminho apresenta uma série de desventuras para Chico Bento e família, podemos pensar os seres que os habitam, não como um substrato inerte, mas como uma série de seres vivos que estão em constante relação. A novilha morta oferece sua carne aos urubus e oferece também uma abertura para se travar relações com estranhos que estão sob as mesmas condições que nossos personagens, a seca que muda o ambiente impulsiona o movimento, mas também proporciona uma mudança na vida daqueles que vivem.

### **A malha: caminho, movimento e o clima**

Me disseram, porém, que eu viesse aqui  
Pra pedir em romaria e prece  
Paz nos desaventos  
Como eu não sei rezar, só queria mostrar  
Meu olhar, meu olhar, meu olhar (Romaria – Renato  
Teixeira).

Como dito, para os Inuit, assim que uma pessoa se move, ela se torna uma linha. Para caçar um animal, ou encontrar outro ser humano que possa estar perdido, você deixa uma linha de trilhas por toda extensão, procurando sinais de outra linha de movimento que levaria ao seu objetivo. A linha em si é invisível, mas seu simbolismo é visível. Enquanto linha o ser se

configura enquanto continuidade, nunca acabado ou findo, sempre um processo de continuação e de eterna mudança, um nunca saber onde se está indo, mas um sempre ir.

Por outro lado essa alusão propõe outra saída possível, Chico Bento e família se deslocam pela caatinga, sempre em frente, nada os para, o cansaço a morte, a fome, são apenas atrasos, mas nunca um empecilho. A continuação é certa não importa o que suas sinas lhes apresentem, todavia uma coisa é necessária lembrar, o ponto de início do desenrolar dessa linha nunca é apagado, justamente pelo fato da linha como representante do movimento ser uma alusão á essa continuidade e do embaralhamento que o devir lhe impõe. Existe um início, mas o fim é obra do por vir.

Diferente é a ideia de transporte, se movendo por tracejos predeterminados o núcleo que compõe Dona Inácia e Conceição já conta com um ritmo esperado, mudanças são praticamente inexistentes e o fim já é posto como a meta a se seguir. Os pontos de conexão (as estações ferroviárias) são executados em uma determinada fragmentação. O que nós vemos não é mais uma linha, mas sim uma sequencia conecta de pontos a pontos, conforme defende Ingold (2008).

Todavia gostaria de dedicar mais algumas palavras a esta ideia de linha e seus desdobramentos. Penso que no caso dos retirantes assim como na perspectiva Inuit, quando uma sorte de linhas se entrecruzam pelo movimento vivo entre os seres, estas podem ser percebidas como uma malha entrelaçada da linhas em vez de uma superfície contínua. Se os pontos que o sistema de transporte se conectam se transformam em uma rede de contatos, as linhas ao longo do qual os itinerantes realizam seu percurso formam uma malha de trilhos entrelaçados em vez de uma rede de rotas em interseção.

Refutando a ideia de Bruno Latour sobre o conceito de network (réseau), Tim Ingold propõe a ideia de malha (meshwork) na tentativa de explicar as interações vividas pelos seres humanos e não-humanos bem como seus fluxos constantes como também entre as coisas. A ideia de malha pressupõe a ideia de linha, como já explicitado acima, uma linha do devir. Está, assim como o percurso trilhado por Chico Bento e família, não é definida pelos pontos que ela conecta, mas pelas relações que passam através destes, entre estes e insurgem o meio destes.

Otávio Bonet (2014) em sua pesquisa sobre as relações entre médicos e usuários no sistema de atenção primária de saúde percebeu inicialmente que essas relações entre pacientes e médicos se desenrolavam em uma relação em rede, defendia que essa era uma ideia de rede oficial de saúde, fazendo referência ao sistema, e de como essa rede se relacionava com as que

chamávamos de redes intersticiais de saúde, para indicarmos as redes de vizinhança, de terapeutas “alternativos”.

Com o desdobramento de sua pesquisa, principalmente no que toca sobre emoções e itinerários de cuidados terapêuticos na rede de Clínicas da Família no Município de Rio de Janeiro, sua atenção se voltou para os percursos, pelos caminhos através dos quais os usuários buscam receber atendimento. Os usuários vão tomando decisões e assim se estruturando dentro do próprio sistema, em outras palavras, ao se movimentarem pelo serviço, os usuários tomam decisões e, com elas, vão construindo uma história. Ao se fazer um caminho pelo sistema se constrói uma história.

Nessa análise o mesmo busca perceber esses processos de mutua construção através do conceito de malha (meshwork), para Bonet (2014) esse termo, proposto por Ingold possui como ideia central o mote de que nós nos movemos em um espaço fluido no qual a nossa atividade, como organismo – pessoa deve ser entendida como um aspecto do desdobramento do sistema total de relações, composto pela presença corporificada em um meio específico.

A malha é concebida assim como um emaranhado de linhas de vida, de crescimento e de movimento. Nesse emaranhado de linhas de fuga, as linhas não se conectam, mas se atravessam, formando emaranhados existenciais, são linhas ao longo das quais se percebe e atua. O meio onde a vida se faz o ambiente não uma rede de pontos interconectados, mas um emaranhado de linhas entrelaçadas.

Para o trabalho realizado por Bonet, essa leitura a partir do conceito de itinação e de malha, configura-se uma perspectiva da movimentação dos usuários mais plástica e mais fluida do que se utilizássemos as de itinerários e de rede. No sentido de uma ampliação de perspectiva, ao associar as itinações ao conceito de malha deixa-se de pensar em termos de redes que interpenetram ou que se conectam, e pensamos o sistema saúde como um ambiente habitado pelos usuários e profissionais.

Para o caso do Quinze e dos retirantes reais, pensar na ideia de malha e de itinação é uma escapatória em comparação as análises a partir do conceito de migração por que o primeiro possui um espectro de variações que abrange não só a vida coletiva e individual, mas que pressupõe conceitos como o *enviroment* (ambiente), a relação entre os sujeitos nele presentes (seres humanos e não-humanos, vivos e não vivos) como também conjectura a ideia de não definição de um caminho, de rotas seguras de movimento, de pontos de paradas e descanso e um fim ultimo. Lembrando que a ideia inicial de Chico Bento é ir para Fortaleza

caminhando com a família para de lá partir para o Amazonas, mas uma mudança repentina lhe faz ir par São Paulo, devido ao concelho de Conceição então muda sua rota.

O caminho a todo o momento foi construído, cada parada era um desespero, o que comer, onde dormir, o que fazer no outro dia. O auxílio das pessoas para com nossos personagens e de nossos personagens para com os outros que com eles partilhavam a mesma condição, formavam uma malha, que possuía como plano de ação o ambiente do semiárido nordestino, e que se costurava pelos caminhos percorridos.

Compreendemos assim que o sujeito é um sujeito no mundo, um habitante da terra, alguém que está em constante transformação tanto em contato com outros seres que na mesma condição estão ambientados ou com o próprio meio que lhe proporciona o viver:

Wayfareing, I believe, is the most fundamental mode by which living beings, both human and non-human, inhabit the Earth. By habitation I do not mean taking one's place in a world that has been prepared in advance for the populations that arrive to reside there. The inhabitant is rather one who participates from within in the very process of the world's continual coming into being and who, in laying a trail of life, contributes to its weave and texture. (INGOLD, 2008; p, 81).

Concomitante a isso, em seu trabalho de campo entre os javaneses Retsikas (2007) percebe que o lugar não é um ente fixado, não é estável, essência pré-datada, pelo contrario, é mutável e capaz de modificações. Sua preocupação além de qualquer outra é questionar as capacidades dos sujeitos humanos para criar lugar e a capacidade de lugar para criar pessoas no Leste de Java. A habitação nessas circunstâncias, tão distantes, podem espelhar-se e nos ajudar a compreender que a habitação não pressupõe um local único, mas sim um amplo espaço fluido, que a todo o momento está sendo construído.

Certamente, nesta visão ele concordaria com Ingold sobre o tema, como ele mesmo afirma o lugar não é menos fluido e capaz de mudanças do que as pessoas. Mais ainda, o lugar em si mesmo não faz sentido, independentemente daqueles que habitam lá. A presença humana é necessária para qualquer tipo de mudança ambiental, o conceito de habitação nesse sentido possui uma conotação que coloca o sujeito e o meio pelo e no qual este vive como um fluxo constante de mutua cooperação, resumido na fala de Viveiros de Castro (2007; p, 4) o fato de que a noção de ambiente supõe sempre um ambientado, a mudança de um, nesse sentido é a mudança do outro.

Não podemos pensar em um ser vivente sem um ambiente ao logo do qual o mesmo se realiza. O ambiente e o ser vivente assim se configuram em um múltiplo ser, a alteração de

um é a alteração de outro. Da mesma forma não podemos pensar em um retirante sem pensar na seca, no clima implacável e neste caso, na falta de chuva:

O sol poente, chamejante, rubro, desaparecia rapidamente como um afogado, no horizonte próximo. Sombras cambaleantes se alongavam na tira ruiva da estrada, que se vinha estirando sobre o alto pedregoso e ia sumir no casario dormente dum arruado. Sombras vencidas pela miséria e pelo desespero que arrastavam passos inconstantes, na derradeira embriaguez da fome (QUEIROZ, 1977; p, 51).

Um corpo vivo é um corpo no chão e um corpo no ar. Terra e céu, não são componentes de um ambiente externo com o qual progressivamente conhecido pela interação corporal. Ao contrario, eles são regiões da própria existência do corpo, sem isso, nenhum conhecimento ou lembranças seria possível.

Ligado a essa ideia de ambiente e sobre um tema que, na perspectiva em que estou analisando o movimento, penso ser de grande importância, não só no que tange a antropologia, mas também ao romance de Raquel de Queiroz. O clima causa motriz que impulsionou tanto o movimento de Chico Bento e família quanto o do outro núcleo representado por Dona Inácia e Conceição. Não podemos pensar no Quinze sem o clima, a chuva, cumprindo sua sazonalidade, vinda ao tempo esperado, não provocaria a forte seca, a falta de comida, a morte do gado e por fim a itinerância dos personagens.

Por clima, INGOLD (2005) defende que é uma essência em eterna dinamicidade, sempre se desdobrando, sempre mudando de humor, correntes, qualidades de luz e sombra e cores, alternadamente úmidas ou secas, quentes ou frias, e assim por diante. Neste mundo do tempo e do clima, a Terra, longe de fornecer uma base sólida para a existência, parece flutuar como uma jangada frágil e efêmera, tecida a partir dos fios da vida terrestre, e suspensa na grande esfera do céu.

O clima é uma entidade que é perceptível para nós, uma manifestação real entra na preocupação ou consciência visual, não como um panorama cênico, uma paisagem já dada, mas como uma experiência de um conhecimento ou um ponto de vista. Movimentei este conceito, no intuito de descrever que para o andarilho, no nosso caso para o retirante, o clima não é um espetáculo para ser admirado através da janela, mas toda uma infusão envolvente que embebe todo o seu ser.

Na perspectiva de Conceição, que logo após o embarque o motor inicia seu trabalho e a locomotiva em seu movimento rítmico e constante, alega que “a fumaça do trem escurecia o céu transparente, num arredondo de nuvens. De um e de outro lado, a mata parecia

esgalhamentos de carvão sobre um leito de cinzas” (QUEIROZ, 1977; p, 24). Enquanto se dá ênfase as sólidas formas da paisagem que se confundem com o próprio movimento da locomotiva e dos vagões, elas (Dona Inácia e Conceição) negligenciaram os fluxos do meio no qual estão imersos. De modo que eles impediram o clima, bloquearam seus corpos dentro de uma sólida camada de ferro e madeira.

O outro núcleo, composto por Chico e família, possui certamente outro ponto de vista, não opaco, mas vivo enquanto sujeito no mundo. Quando seus filhos pediam a sua esposa Dona Cordulina um pouco de comida, mesmo após já terem comido o pouco que tinha, Chico pensa: “por que, em menino, a inquietação, o calor, o cansaço, sempre aparecem com o nome de fome?” (QUEIROZ, 1977; p, 28). Assim trilhavam seu caminho, composto de mais incerteza do que de distancia, e “só talvez por um milagre iam aguentando tanta fome, tanta sede, tanto sol. O comer era quando Deus fosse servindo”(QUEIROZ, 1977; p, 45).

Se no primeiro núcleo a paisagem é apenas algo a ser visto através de um vidro, percebida pelo movimento do transporte, um misto de paisagem inerte feito à própria fumaça exalada da locomotiva que é produzida momentaneamente para logo em seguida desaparecer. Para o outro núcleo o clima não é um espetáculo para ser admirado através da janela, mas uma infusão envolvente que embebe todo o seu ser, algo que se percebe em relação. O retirante que existe em função da seca é seu retrato, é a própria seca nesta perspectiva.

### **Considerações finais**

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (O Grande Sertão: Veredas – João Guimarães Rosa).

Início essas (in)conclusões como uma justificativa, se aqui me muni de um romance, uma ficção literária e construí uma leitura possível através de conceitos pertinentes a antropologia ou a uma compreensão antropológica específica, é por que não tomo a literatura e a antropologia como completamente destoantes. Se o “fazer antropológico” pressupõe uma forma específica de escrever, o fazer literário pressupõe uma forma antropológica de pensar.

Raquel de Queiroz estava diretamente ligada ao sertão, como sua morada na infância e como sua morada na escrita, sendo o seu primeiro livro, a autora aborda a itinação do retirante como a última saída possível em um ambiente que inicialmente pressupõe o trabalho. Existe em Chico Bento uma vontade maior de ficar do que de partir, o mesmo tarda

sua partida ao máximo no intuito de não precisar sair de sua casa, mas com o tardar da chuva a sua saída é necessária, então o mesmo cai no caminho como se este fosse a si próprio.

Representante da histórica desigualdade social que existe no Brasil desde tempos idos e da incerteza das intempéries sazonais, o retirante povoa o imaginário popular, sendo como um forte, conforme relatado por Euclides da Cunha. Todavia existe um aspecto que apesar de, ser o que representa o ato da identificação como retirante, pode ser analisado em outras perspectivas, escrevo aqui sobre o movimento, que é construído, na perspectiva de Tim Ingold como o movimento de construção do próprio sujeito, como algo que é impossível de ser separada da pessoa, ela é o movimento.

Contrário à ideia de espaço, os biólogos dizem que os organismos vivos habitam ambientes, não o espaço, ao longo da história, os mais diversos povos têm tirado seu sustento da terra e não do espaço. O espaço é nada, e porque é nada não pode absolutamente ser habitado. Um mundo que seja ocupado, mas não habitado, que está cheio de coisas existentes, em vez de tecido a partir dos fios do seu devir, é um mundo de espaço.

Como já citado, para os Inuit, assim que uma pessoa se move, ela se torna uma linha. Para caçar um animal, ou encontrar outro ser humano que possa estar perdido, você deixa uma linha de trilhas por toda extensão, procurando sinais de outra linha de movimento que levaria ao seu objetivo. Assim, todo o país é percebido como uma malha de linhas, em vez de uma superfície contínua.

O peregrino está continuamente em movimento. Mais estritamente, ele é o seu movimento. Assim como acontece com os Inuit, o peregrino é exemplificado no mundo como uma linha de viagem. É uma linha que avança da ponta conforme ele prossegue, em um processo contínuo de crescimento e desenvolvimento, ou de autorrenovação.

Embora de vez em quando ele tenha que fazer uma pausa para descansar, e pode mesmo voltar repetidamente ao mesmo lugar para fazê-lo, cada pausa é um momento de tensão que – como segurar a respiração – se torna cada vez mais intenso e menos sustentável quanto mais tempo dura, conforme representado pelas paradas de Chico Bento – a morte de um filho, a mocinha que fica na estação de trem, o sumiço do outro filho, ter que comer as vísceras de uma cabra e por fim a parada no campo de concentração. Na verdade, o peregrino não tem destino final, pois onde quer que esteja, e enquanto a sua vida perdure há algum outro lugar aonde pode ir, conforme defende Ingold (2005, p, 221).

O transporte, por outro lado, é essencialmente orientado para um destino. Não é tanto um desenvolvimento ao longo de um modo de vida quanto um carregamento através, de

um local a outro, de pessoas e bens, de tal maneira a deixar suas naturezas básicas incólumes. Pois no transporte o viajante mesmo não se move. Ao contrario, ele é movido, tornando-se um passageiro em seu próprio corpo, se não em algum navio que pode estender ou substituir os poderes de propulsão do corpo.

Com esse movimento, o retirante leva a sua presença para todos os lugares, para os grandes centros urbanos e para as regiões menos povoadas a fim de melhores condições, mas a fim de demonstrar sua existência. Apesar do desapoio por parte do Estado é um ser vivente e por isso modificador de seu ambiente, representante de uma camada da população que é forçosamente esquecido pelos dirigentes políticos, mas não passa despercebido pelo imaginário popular.

Por fim, percebo como o clima é um ente que por muito foi desconsiderado das leituras antropológicas, mas que sempre está presente nas interações entre sujeito e ambiente. Se não podemos pensar no retirante sem o drama da falta de chuva e a escassez de água, certamente não podemos pensar neste mesmo retirante sem sua relação com o clima.

### Referências

AMARAL, Elder. Experiência e cegueira: ver, ouvir, narrar. *Revista de Ciências Sociais*, n. 1, Fortaleza, UFC, 2013.

BONET, Octavio. Itinerações e malhas para pensar os itinerários de cuidado. A propósito de Tim Ingold. *Sociol. Antropol*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 327-350, dec. 2014.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CALEGARI, Lizandro Carlos; HAISKI, Vanderléia de Andrade. A perspectiva crítica em Rachel de Queiroz e em Graciliano Ramos. *Revista de Letras Dom Alberto*, v. 1, n. 2, ago/dez. 2012.

CLIFFORD, James. Conte-me sobre sua viagem: Michel Leiris. *Revista de Ciências Sociais*, n. 1, Fortaleza, UFC, 2013.

COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada e interdisciplinaridade. In: RETSIKAS, K. Being and place: movement, ancestors, and personhood in East Java, Indonesia. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 13, n. 4, p. 969–986, dez. 2007.

CUNHA, João Manuel dos Santos. O local da literatura comparada: interdisciplinaridade e intertextualidade. In: RETSIKAS, K. Being and place: movement, ancestors, and personhood in East Java, Indonesia. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 13, n. 4, p. 969–986, dez. 2007.

INGOLD, Tim. Earth, sky, wind, and weather. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 13, n. s1, p. S19–S38, abr. 2007.

\_\_\_\_\_. *Estar vivo*. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 16. 2010.

\_\_\_\_\_. *Repensando o animado, reanimando o pensamento*. Espaço Ameríndio. Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. The eye of the storm: visual perception and the weather. *Visual Studies*, v. 20, n. 2, p. 97–104, out. 2005.

\_\_\_\_\_. *The perception of the environment*. Essays on livelihood, dwelling and skill. Londres: Routledge. 2000.

\_\_\_\_\_. Up, across and along. In: *Lines A Brief History*. London: Routledge. 2008.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 22. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1977.

RETSIKAS, K. Being and place: movement, ancestors, and personhood in East Java, Indonesia. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 13, n. 4, p. 969–986, dez. 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. A natureza em pessoa: sobre outras práticas de conhecimento. In: ENCONTRO VISÕES DO RIO BABEL. Conversas sobre o futuro da bacia

do Rio Negro. *[Anais...]* Instituto Socioambiental e a Fundação Vitória Amazônica, Manaus, 22 a 25 de maio de 2007.

**O Quinze:  
Conversations with Tim Ingold**

**Abstract**

The main objective of this article is to read Raquel de Queiroz's novel *O Quinze* from an anthropological perspective of the movement. Understood here in two possible ways from the perspective of Tim Ingold. Let it be said: the wayfaring that I understand to be the path taken by the family of retreatants, represented by Chico Bento, Dona Cordulina and the children and on the other hand a distinct form of movement, called transport, represented by Conceição and Dona Inácia. For this, I will read it in a bibliographic way, with the objective of contemplating both an anthropological perspective and a literary view, associating the idea of movement portrayed here to the idea of meshwork as well as the environment, climate and possible interactions of the characters. According to the reading I propose, it can be seen that between literature and anthropology there is a bridge of possible dialogues both in relation to the forms of analysis and in relation to the ethnographic facts that are possible to be worked on as literary writing. Finally, it is possible to see that if anthropological doing presupposes a specific way of writing, literary doing presupposes an anthropological way of thinking.

**Keywords:** Movement; wayfaring; transport; *O Quinze*; Tim Ingold.